

RESUMO

Partindo de aspectos semânticos, sintáticos, fonológicos, pragmáticos e discursivos foram analisados, nos dados de fala coletados na cidade de Goiás, vários usos de *até*. Neste artigo são apresentados, especialmente os aspectos relativos às funções semânticas desses usos. Serviram-me de arcabouço teórico alguns princípios funcionalistas e a teoria da gramaticalização. Segundo essa teoria, as construções lexicais ou menos gramaticais das línguas passam a exercer, em determinados contextos, funções mais gramaticais e também discursivas. Em relação ao *até*, foi possível perceber um contínuo de gramaticalização, que vai de preposição para advérbio, de conjunção a operador de contra-expectativa.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, gramaticalização, *Até*, categorias gramaticais.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem por objetivo investigar um provável processo de gramaticalização do *até* no português falado do Brasil, já que esse item lexical apresenta multifuncionalidade no sistema lingüístico. Tratarei, especialmente, dos aspectos relativos às funções semânticas desempenhadas nos usos verificados. A coleta de dados para a constituição do *corpus* foi realizada a partir de algumas postulações teórico-metodológicas da sociolingüística variacionista de Labov (1972), na cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás. Essa comunidade de fala

* Artigo produzido a partir da pesquisa de mestrado intitulada *Usos do até na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*.

** Professor da Universidade Estadual de Goiás.
E-mail: leosmarsilva@hotmail.com

foi escolhida porque constitui um grupo que compartilha basicamente as mesmas normas de uso, conforme recomenda Labov (1972, p. 159). Além disso, a importância histórica da cidade de Goiás para o estado e para o Brasil leva a pressupor aspectos de conservadorismo na língua aí usada, fato que os dados não revelaram.

A GRAMATICALIZAÇÃO DO *ATÉ*

Na perspectiva funcionalista, expressões lingüísticas são vistas como elementos não-autônomos. Elas se constituem no uso e servem às necessidades cognitivas e comunicativas do falante. Por isso, muitas vezes, uma mesma forma apresenta vários sentidos. Os diferentes comportamentos semântico e sintático do *até* em diferentes situações de uso foram observados, descritos e analisados. A hipótese desta investigação é de que o *até* alterou o seu estatuto sintático rumo a um domínio mais abstrato e relacional da língua, conforme pressupõe a Teoria da Gramaticalização.

A gramaticalização é um fenômeno de mudança lingüística em que itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos, a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. xv). Além disso, estudos de orientação funcionalista mostram que a gramaticalização pode ser de base metafórica e metonímica e apontam para o princípio da exploração de velhos conceitos para novas funções. Ou seja, esses estudos consideram que às formas já existentes, mais concretas, associam-se significados mais abstratos. O resultado disso tudo é uma escala de abstração crescente e unidirecional, que se organiza na forma de um *continuum*.

A investigação de dados sincrônicos de língua falada nos permitiu identificar, a partir do critério semântico, seis diferentes usos do *até*, que vão de um domínio cognitivo mais concreto para um domínio cognitivo mais abstrato:

a) *Até 1* – espacial

(1) Já tinha colocado as malas dentro da máquina... *até* Leopoldo de Bu... *até* Leopoldo de Bulhões que nós vinha de máquina... de trem de ferro... aí foi... cadê o tii Bissalão... num achava ele... i aí esparramaram... desceram as pessoas... desceram tudo... que a máquina na hora dela saí ela num vai perguntá se tá fartando gente né...? (10, G3, F, 0)

b) *Até 2* – temporal

(2)...acho que o senhor devia de pensar bem antes di dirigi a palavra... porque *até* hoje eu faço uso da palavra e uso do exemplo que o senhor mim passô... i eu vô pedi o senhor um favor... quando o senhor tiver junto comigo... por favor o senhor não xinga... ele desceu lágrima no olho... e nunca mais vi ele xingano... (1, G1, M, C)

c) *Até 3* – quantificador

(3)... aí eu parei de estudá lá aí parou né porque foi só *até* a quarta série. Aí nós ficamo mais uns cinco ano sem mudá pra cá. (6, G2, F, D)

d) *Até 4* – intensificador

(4) ó meu Deus porque o senhor num... num mim dá... num mim dá saúde assim suficiente... pra mim trabaiá *até*::: memo... ô se não ganhá um dinherim assim... mais... qu/eu posso dá uma vida melhó pro meus fii... sabe... fico pensano... mais igual eu falo... suó dos outro cê num... cê tem que pensá no seu... no seu dinheiro... nada de vivê nas custas dos otros né? porque:::... (3, G1, F, C)

e) *Até 5* – inclusivo. Nesse uso, dois outros se distinguem: o *até* operador argumentativo e o *até* parentético:

• Operador argumentativo

(5)... eu num tava mim sentindo bem na religião católica... eu ia na igreja num sentia nada lá dentro... eu ia simplesmente pra... ficá reparano os outro *até* rino... num tinha num era fé... nem ia na igreja...

num ia mais meu esposo ia... eu resolvi... tomei uma decisão i passei pra igreja de Cristo... hoje graças a Deus eu sô crente... não arrependo de sê crente gosto muito... (Inf. 4, G3, F, D)

- Seqüenciador parentético

(6) Só tem um [amigo]... *ele mora até aqui em cima...* ele tá mexendo com um barzim... *incrusive hoje ele é corretor...* só um só... i nós dois era como si dis atrito tamém sobre esse negócio... (5, G2, M, D)

f) *Até 6* – contra-expectativa

(7) juntô... até que juntô bem gente [no lançamento do livro do filho da informante]... *cê teve lá tamém... né... cê lembra?* (10, G3, F, 0)

Foram detectados também usos ambíguos, em que o item lingüístico pode ser compreendido tanto no seu sentido menos gramatical como no mais gramatical. Isso porque a mudança, conforme Heine, Claudi, Hünemeyer (1991), é gradual e contempla etapas de sobreposição na transição de um domínio A para um domínio B, caracterizando-se um estágio de ambigüidade (AB).

A trajetória ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 182), em que há uma transferência metafórica do universo referencial (domínio *de re*) para o discursivo (domínio *de dicto*), ajudou-nos a confirmar a hipótese do processo de gramaticalização do *até*, cujo percurso de mudança inicia-se com o *até* de valor espacial, seguido do *até* temporal para, enfim exercer funções pragmático-discursivas no texto, como, por exemplo, o *até* operador de contra-expectativa.

Outra evidência da gramaticalização do *até* é a fluidez sintática do item que, dependendo do contexto, pode ser categorizado como preposição, advérbio, conjunção ou como operador de contra-expectativa. Como marcador de limite no espaço, no tempo e nas quantidades, o *até* relaciona termos e, em alguns casos, orações, assumindo, portanto, as funções de preposição e conjunção. Como intensificador e operador argumentativo, o *até* assume uma função adverbial. Como operador de

contra-expectativa evidencia o caráter cooperativo da linguagem e estabelece a existência de uma força ilocucionária contida nas inferências, nos pressupostos e nas implicaturas do ato de fala na oração. Essa função pragmático-discursiva pode ser vista, também, quando o *até* introduz um adendo de informação à seqüência verbal do usuário da língua nos usos do *até* parentético, em que ele funciona como marcador discursivo.

Um estudo prévio em dicionários e gramáticas, além dos dados do *corpus*, revelaram uma polêmica em relação aos usos do *até* com valor adverbial de inclusão. Hopper e Traugott (1993), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Ramat e Hopper (1998) concordam que advérbio é menos gramatical que preposição e que preposição é menos gramatical que conjunção. Considerando-se, então, o princípio da unidirecionalidade (- gramatical > + gramatical e não o contrário), a trajetória de mudança categorial do *até* deveria ser advérbio > preposição > conjunção. Os dados, porém, mostraram que os usos mais concretos do *até* são preposicionais e, nos usos mais abstratos, ou ele funciona como advérbio, como conjunção ou como operador de contra-expectativa. Para esse percurso de gramaticalização, que foge ao princípio da unidirecionalidade, vislumbramos duas hipóteses.

Primeira: a forma fonte do *até* é preposição. Nesse caso, o princípio da unidirecionalidade é violado e pode ser substituído pela proposta da multidirecionalidade, de Castilho (2002, 2004), já que relações conceituais do mundo sociofísico – espaço-tempo – foram desencadeadas por uma preposição, enquanto relações textuais-discursivas foram desencadeadas por um advérbio, menos gramatical que a preposição. Segundo Hopper e Traugott (1993, p. 77), a metáfora supõe: a) direcionalidade de transferência de um significado básico, geralmente concreto, para um mais abstrato; b) processos que levam a “mapeamentos” de um domínio conceptual a outro, motivados por analogia e relações icônicas. A consideração de “b” explica, em partes, a mudança do *até* preposição como em “vou de X *até* Y” para os usos de *até* com valor semântico de inclusão como em “foram várias pessoas

na festa de casamento, *até* o presidente da república” (CNS). O uso do *até* de valor inclusivo foi motivado por analogia com o uso do *até* chamado por Neves (2000, p. 626) marcador de circunscrição, em que o falante diria, por exemplo: “na festa de casamento foram *desde* as pessoas mais simples *até* o presidente da república”. Nesse uso, o *até* marca o ponto terminal de uma série, em correlação com um ponto inicial que representa o primeiro da série, precedido por *desde*. A economia lingüística é um fator que pode ter contribuído para que o sintagma encabeçado por *desde* não apareça na seqüência verbal de modo que o *até* ganha, por analogia e relações icônicas, o sentido de *inclusive*, implicando uma gradação.

Segundo, o *até* desenvolveu-se a partir de duas formas fontes, uma em que ele assume a função de preposição, na designação de espaço, e outra em que ele assume a função de advérbio, na designação de inclusão.

Esta hipótese nos leva a pensar que a consideração de que o *até* é um único item pode não ser verdadeira. Um indício disso está nas várias formas verificadas por Viaro (2003), no português do século XIX, e por Poggio (2002), no português quinhentista, dentre as quais merece citação: *ata, atá, ataa, atees, atee, ates, atem, tee, té, até*. Tais autores reconhecem que não havia então uma sistematização na escrita, que a origem do item é polêmica e há uma dificuldade em categorizá-lo. Esta hipótese não contraria o princípio da unidirecionalidade, mas aponta para um duplo percurso de gramaticalização.

Os usos do *até*, considerando-se o que diz Dik (1989) a respeito da organização em camadas da oração, mostram que quanto maior é o seu escopo na oração mais ele deixa de representar o mundo sociofísico e passa a exercer funções no nível interpessoal, que é o nível da interação, que são, por excelência, mais abstratas. Os usos do *até* espacial se observam no nível representacional, localizando termos, entidades ou estado-de-coisas no espaço físico do mundo sensível. O *até* parênético, por outro lado, categorizado como marcador discursivo, desem-

penha uma função acentuadamente pragmática, constituindo-se um meio pelo qual a atividade interacional projeta-se concretamente no texto. O mesmo ocorre com o *até* operador de contra-expectativa que, associado ou não à partícula *que*, revela conteúdos pressupostos que necessitam do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado dos interlocutores para que haja interação, além de servir como forte atenuador do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição dos usos e das funções semânticas do *até* no português falado contribuiu para identificarmos mudanças que estão ocorrendo no Português do Brasil, o que é comum em qualquer língua natural. Além disso, foi possível perceber que itens ou palavras que, normalmente, são vistas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira como meros elementos de relação, destituídos de qualquer conteúdo semântico, são responsáveis, em grande parte, pela força argumentativa de seqüências textuais em situação de interação verbal.

GRAMMATICALIZATION OF *ATÉ*

ABSTRACT

The proposal of this article is to present the results of my research about semantic, syntactic, phonological, pragmatic and discursive aspects of the *até*, in the speech data collected in the city of Goiás. Some functionalists principles and the theory of the grammaticalization were used. In the theory of grammaticalization, the lexical or less grammatical constructions of the languages start to exercise more grammatical and discursive functions in certain contexts. In relation to the *até*, it was possible to verify that the continuum of grammaticalization is as follows: preposition > adverb > conjunction > against-expectation operator.

KEY WORDS: Functionalism, grammaticalization, *Até*, grammatical categories.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Ataliba de. Unidirectionality or multidirectionality? *Comunicação ao XII Seminário of Functional Syntax*. São Paulo, USP, 2002. (Mimeografado).
- _____. Unidirectionality or multidirectionality? Some issues on grammaticalization. In: *Revista do Gel*. Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Araraquara (SP). v. 1, n. 1, 2004.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht-Holland/ Providence: Foris Publications, 1989.
- _____. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. (Ed. by K. Hengeveld). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUOGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. J. Some recent trends in grammaticalization. In: *Annu. Rev. Anthropol*, n. 25, 1996.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- POGGIO, R. M. G. F. Comparação entre algumas preposições portuguesas documentadas no século XVI e no século XIV. In: MATTOS e SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: Ed. UFBA/UEFS, 2002.
- VIARO, M. E. *Considerações acerca de mudanças semânticas da preposição "até" no português do século XIX*. Disponível em: <<http://www.fllch.usp.br>> Acesso em: 5/6/2003.